

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



DAVID TENIERS.

A serie de pintores, discipulos dos Van Eyck, que constitue a escola de Bruges, sórma o primeiro cyclo da pintura flamenga. Este periodo de que Hemling foi o mais sublime representante, terminou pela destruição da liga anseatica.

Depois desta catastrophe historica a arte abandonou o seu berço para ir continuar a desenvolver-se em ter-

reno mais fertilizado pelas riquezas: Anvers e Bruxelas foram as herdeiras da velha Bruges.

Transportada para uma nova patria, a escola esqueceu as suas tradições, abandonou as sórmas antigas, recebendo da Italia e da Alemanha outros principios. A pintura dos primeiros artistas de Anvers tem principalmente o caracter alemão: foi Quintino Metsys quem determinou a fisionomia particular da nova escola.

O colorido brilhante, o claro-escuro admiravel, a grandeza da composição, e a nobreza das fisionomias; caracteres que distinguem a escola flamenga da holandesa, — mais perfeita nos detalhes, brilhante no colorido, mas incorrecta no desenho, e baixa na natureza dos objectos que representa, — atingiram então toda a magnificencia de que eram susceptiveis.

Os Brenghel, de que tres gerações encheram um seculo, completaram a transição da escola primitiva para a segunda escola flamenga, inspirada pela belleza pura e grande da arte italiana, cuja influencia no seculo XVI se fazia sentir em toda a Europa. Brenghel do *Inferno*, o ultimo desta illustre familia immortalisou-se pintando scenas comicas, que encobriam muitas vezes uma alta idéa philosophica.

Este Brenghel encetou um genero, que achou imitadores em muitos artistas flamengos: porém o sentido allegorico perdeu-se, e ficou só a imitação pura das fórmas grutescas da natureza.

David Teniers occupa o primeiro lugar entre os pintores que representaram scenas da vida vulgar; os seus quadros em que se figuram festas de aldêa, assembléas de camponeses, corpos de guarda, &c. teem um merecimento singular, pela verdade da expressão brilhante, colorido, e facilidade da composição.

O quadro que faz objecto da estampa é uma das suas obras mais perfectas no genero; representa um jogo de gamão. Nos quadros de Teniers encontra-se a mesma graça candida, a mesma simplicidade jovial e piquante, que torna hoje tão saborosas, permittasse-nos a expressão, as encantadoras poesias de Berenger.

Um dos assumptos mais queridos do chistoso pintor era a *Tentação de Santo Antonio*. O museu de Madrid possui tres *Tentações* de Teniers: uma em que se cruzam as singulares e grutescas creações de uma imaginação engenhosa, é notavel por ser a mulher, apresentada ao cenobita pela bruxa para o obrigar a cahir em tentação, dotada da cara mais horrivel que se possa imaginar: a outra *Tentação*, cuja scena se passa n'um lugar deserto, cercado de rochedos e ruinas, é admiravel pela belleza da paisagem; a filha do diabo traz um vestido de setim preto, mas está collocada de modo que só é vista pelas costas. Na ter-

ceira, a tentadora é formosissima, e está corada de rosas.

Teniers tentou tambem o estillo mais elevado da pintura historica. O museu de Vienna possui um *Abraham e Isac*, quadro de uma grandeza natural, onde se reconhece que o pintor não tinha grande difficuldade em compor assumptos desta natureza, e conservava nelles toda a força e brilho do seu pincel.

O estillo de Teniers tem sido imitado por muitos pintores de genero; quasi todas as escolas se honram de ter no numero das suas obras primas algumas composições desta natureza. Velasques com os *borrachos*, Murillo com os *mendigos*, dotaram a Hespanha de thesouros preciosos de genero.

Entre os pintores modernos o que melhor immita a graça e espirito de Teniers é o celebre pintor inglez Wilkie, auctor do *Collin-Maillard*.

João de Andrade Corvo.

Começamos hoje a dar publicidade no nosso periodico ao drama do Sr. Lopes de Mendonça — *Affronta por Affronta*. — A leitura deste drama, que foi applaudido pelo publico no theatro de D. Maria II, e cujas bellezas de estillo são mais faceis de avaliar no socego do gabinete do que no rapido correr de uma representação, não pôde deixar de ser agradável aos leitores da Epoca; por isso procurámos alcançar do Sr. Mendonça auctorisação para publicar a sua obra.

O conhecimento de uma composição dramatica, tão bem recebida pelo publico, necessariamente deve interessar aos nossos assignantes de provincia, que a não poderam gozar no theatro; e é esta a razão porque deixamos interrompido o proverbio — *Partir para ser bispo e acabar sincero* — que, por ser uma traducção, tem menos valôr para leitores portuguezes do que um original.

Como porém não convem interromper por muito tempo a publicação de obras da natureza destas de que tratamos aqui, daremos lugar nas nossas columnas, simultaneamente á — *Affronta por Affronta* — e a uma porção de Proverbio sempre que isso fôr possível sem prejudicar a publicação de artigos que tratem de objectos de interesse publico.

AFFRONTA POR AFFRONTA.

DRAMA EM 4 ACTOS.

PERSONAGENS

O CONDE D'ARTAMAR.

O CONDE D'ARTAMAR D. FERNANDO.

AFFONSO GIL.

ANTÃO ALVARES.

JOANNA.

MARIA.

ISABEL.

DAMAS E CAVALLEIROS, CRIADOS, &c.

A scena passa-se em Lisboa — approximadamente ao seculo 16.

ACTO I.

Casa pobre, porta ao fundo.

SCENA I.

MARIA só.

(Com um livro aberto nas mãos). Entre mim e este livro ha um segredo terrivel!... Que o sellem para sempre as suas paginas... para sempre!... (fica pensativa).

E quem sabe se a estas horas, ainda é um segredo?... Quem sabe se o meu nome anda arrastado de bocca em bocca, de vergonha em vergonha?... O meu nome! que não é meu só, que é a honra d'uma familia — o nome de minha mãe... o nome de meu irmão!...

SCENA II.

MARIA e D. FERNANDO entrando.

MARIA.

(Correndo para elle). Até que vies-te! — Fernando! Eu quizera fallar-te — dizer o que sinto no coração... que já o não posso suster — devora-me por dentro!

D. FERNANDO.

(Com um sorriso amargo). Sei o que tens a contar-me — adivinho-o! Mas basta uma palavra para o callares... Parto em tres dias para a India!

MARIA.

(Afflicta). Tu... Fernando... partes?

D. FERNANDO.

Assim o quer o destino. Parto.

MARIA.

(Lançando-se nos seus braços). Oh! bem mo dizia o coração!... Fechei aquelle livro, o livro que me dêste, e com elle pareceu-me fechar tambem a minha felicidade... a felicidade do nosso amor... essa saudade do passado que não volta... que nunca voltará para mim!

D. FERNANDO.

(Commovido). Para que te conheci eu, Maria?... Parto, é verdade, e já não partô sem um remorso pungente dentro d'alma!... Fui eu que vim crestar as rosas do teu rosto com o meu halito devorador!... Arranquei-te a corôa de donzella, e não posso dar-te em troca o ramalhete de desposada!... Separam-nos os meus brios de cavalleiro, o meu brazão de fidalgo, a herança de tantos seculos que revivem em mim, e que eu não posso... não devo atraiçoar!

MARIA.

E não sabes tu o que nos une?... Mais do que o amor, que não calcula o nascimento — mais do que a honra, que pede se cumpra a fé jurada!... — Um filho — o teu... o nosso filho... que tu não queres ver expirar de vergonha... sem mãe, porque ella pouco tempo terá de vida... sem pae, porque elle o renegou ainda no berço... sem nome, porque o seu nome... Quem lhe quere offertar um nome?

D. FERNANDO.

E meu pae? Queres tu que meu pae me amaldiçoe, que meu pae que se estremece d'amor por mim, se fine de magoa e desconforto, se eu ousar... manchar o meu nome! Oh! sei comprehender, compadecer-me dos teus tormentos, não posso, — oh! não posso esquecer-me de meu pae... esquecer-me de mim... esquecer-me dos deveres que me ligam a esse nome, que resplandece com a gloria de tantos feitos... com os feitos de tantas gerações!

MARIA.

(Com abatimento). Que me valem essas grandezas?... Amei-te sem nome, podia merecer-te com elle!... Não to peço, não o quero para mim... Oh! o amor de mãe é mais forte do que o amor de donzella!... Não te amo a ti só... as illusões volveram para o céu... agora via despontar outra luz mais viva, mais innocente ainda... (volvendo os olhos para o quarto proximo). Todo o meu amor estava alli, resplandecia no rosto de meu filho, o mundo todo resumia-se para mim naquelle berço... no berço d'elle!... d'elle que já não tem pae, que ha-de viver sem nome!...

D. FERNANDO.

E não tenho eu tambem um pae? E não tenho eu tambem um nome? Queres que deixe morrer um, que deshonre para sempre o outro?

MARIA.

(Afflicta). Não me fallas senão dos orgulhos do teu nascimento?... Julgas por ventura que só a fidal-

guia tem deveres, que os não tem também a natureza? . . .

D. FERNANDO.

Tem — bem sei que tem. Mas uns conduziam-me ao opprobrio, os outros conduzem-me á grandeza e á gloria . . . Não posso hesitar!

MARIA.

(Com dignidade). Deus bem sabe que não te supliquei, que te não pedi por mim . . . Morreria com uma saudade, morreria agora sem uma esperança . . . Adeus, a nobreza d'Artamar não é bastante para remir um crime, para affogar um remorso!

Parte! não é agora a amante que te falla, é a mãe que te despreza! A minha voz ha-de perseguir-te como a de Deus perseguiu o fraticida: *Caim*, que fizeste de teu irmão *Abel*: *Fernando* que contas has-de dar a Deus de teu filho? . . . Parte! parte! Alcanças talvez essas glorias, essas grandezas que tu sonhas, mas fica-te indelevel na vida a infamia!

D. FERNANDO.

(Com orgulho). E que me importa! Infame era eu se cuspiasse nas cans de meu pae a affronta d'uma alliança vergonhosa . . . Hei-de descer ao tumulto com o meu brazão puro e intacto como o recebi das suas mãos! . . . Adeus, Maria! O céu te tenha em sua guarda. (*Vai-se*).

SCENA III.

MARIA só.

(Com vehemencia e delirio). E' a minha sentença, é a sentença de meu filho! . . . Eu sou villan, elle é bastardo! . . . Um bastardo! . . .

Dorme — dorme — filho do crime! Orphão, que has-de em breve ter de chorar sobre uma campa . . . se to consentirem! . . . e talvez to não consentam (*com amargura e abatimento*). As flores d'um tumulto proscripto não ha olhos, cujo pranto as faça reverdecer! . . .

SCENA IV.

JOANNA e MARIA.

JOANNA.

(*Correndo para Maria*). Alegra-te, minha filha, teu irmão está a chegar . . . E dizem-me que vem rico . . . muito rico . . . lá dessas Indias aonde o ouro nasce . . . nasce como o trigo . . . entre os campos . . . E' um louvar a Deus!

MARIA.

(*Com tristeza*). Estou prestes a recebel-o . . . Oh! minha mãe! minha mãe! (*cahindo-lhe nos braços debruçada em pranto*).

JOANNA.

Que tens, filha? . . . Ciumes de teu marido! . . .

Ora vamos, socega . . . Isso ás vezes não passa d'uma desconfiança vã . . . Hei-de ralhar-lhe, hei-de . . . de te fazer chorar . . . de amortecer o brilho desses lindos olhos . . . que os não merece . . . não merece!

MARIA.

(*Solemnemente*). Minha mãe, juro pela alma de meu pae, pela saude de meu irmão . . . (*hesitando*) pela vida de meu filho . . . que o não sabia, que o soube . . . só depois que já não havia remedio senão calhar a affronta, e adormecer o remorso! . . . Juro — minha mãe — juro pela virgem . . . pela virgem que nos ouve! . . . que nos console neste mundo!

JOANNA.

(*Admirada*). Para que são essas juras? Que tens, filha, para estar tão magoada neste dia . . . que é um dia de gloria para esta pobre casa . . .

MARIA.

(*Com coragem*). Foi uma allucinação . . . foi um louco devancio aquelle . . . foi! . . . Não o amava, oh! agora digo que o não amava, que o não podia amar! . . . compadeci-me apenas delle! Fui aos altares como se caminha para o sacrificio . . . não era amor o que eu sentia . . . era a curiosidade d'uma nova situação . . . E era mentira, e tudo aquillo era uma mentira!

JOANNA.

(*Cada vez mais espantada*). Filha, minha filha, enlouqueces-te! . . .

MARIA.

Oxalá que assim fosse! . . . Não me lembrava do passado . . . nada tinha a esperar do futuro! . . . Socegue, minha mãe, o que sinto é peor . . . cem vezes peor . . . A cabeça pensa, o sangue palpita nas veias, o coração estremece de dôr . . . Sinto-me viver! Estou viva! Vive-me o corpo e a alma! . . .

JOANNA.

Oh! diz-me . . . diz-me tudo . . . Eu sou mãe, e sci perdoar!

MARIA.

O vosso perdão, minha mãe, consola, mas não restitue a felicidade — a honra! . . . a quem a perdeu para sempre . . . (*resoluta*). Minha mãe, eu não sou casada!

JOANNA.

(*Escondendo o rosto com as mãos*). Ah!

MARIA.

Esse homem era um conde . . . esse homem era um fidalgo — um poderoso . . . julgou que podia cuspir a affronta sobre o tecto honrado de duas pobres mulheres do povo! . . .

O padre, o altar, o casamento, tudo era uma ficção! Mas a minha, a nossa vergonha é uma realidade!

JOANNA.

(*Afflicta*). Oh! filha! minha filha! . . . (*chorando*).

MARIA.

E eu nada suspeitava . . . Um dia contou-me tu-

do.... Já era tarde! O seu filho dormia nos meus braços.... não tive forças para me desprender delle.... Suffoquei as lágrimas!.... devorei a dôr, entreguei a meu filho os seios palpitantes.... de indignação e de desespero.... O anjo da minha guarda voara para o céu, só me restava soffrer!....

JOANNA.

(*Levantando-se arrebatada*). Tenho um filho.... ha-de ser digno de seu pae.... que morreu pelejando pela patria.... a honra da sua familia vale tanto como ella.... ha-de-te — ha-de-nos vingar!

Lopes de Mendonça.

(*Continua.*)

POESIA.

Enchei minha alma, enchei sonhos d'amor,
Fazei vegetar n'ella meiga flor,

Suave, terna, bella!

Vindê os labios abrir-me c'um sorriso,
Harmonias descei do paraizo,

Descei meigas sobre ella.

Vem, vem altiva gloria, vem c'roar-me
De tuas seccas palmas, vem cercar-me,

Envolve-me em chimeras!

Vinde esperanças, vindê um só instante,
A meus olhos mostrar-vos. Delirante

Vos chamo, ó primaveras.

Correi a refrescar-me, branda aragem!

Rouxinoes escondidos na ramagem

Perto de mim cantai!

Baixai á terra, ó anjos, entoando

Hymno terno; sorrindo e suspirando

Meu soffrer adoçai.

Puras notas de um cantico suave,

Sons lugubres de um hymno terno e grave

Vibrai, vibrai nos ares!

Rugir medonho de feroz tormenta,

Voz de morte, que os males acrescenta

Fugi por esses mares.

Flores, que abris o seio tão mimoso

Ao primeiro raiar do sol formoso,

Lançai doces perfumes,

Revesti meiga noite o puro céu

Com esse bello recamado véu

Por infinitos lumès.

Lua encantada, pallida, chorosa

Que pensa só na terra desditosa

Sorri por um instante.

Meigas virgens que rozas desfolhaes
Nas sepulturas; sombras que passaes
Olhai-me delirante.

Vindê amor, gloria, formosura, esp'rança,
Anjos, canticos, flores, brisa mansa,

Vem noite sem rumor

Vem ó virgem dos prantos, malfadada,

Ensinar-me a dizer á minha amada

Uma palavra — Amor!

J. de A. Corvo.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(*Continuado do n.º 30.*)

778.º Acabada a debulha ajunta-se o grão que se encontra por baixo da palha, padeja-se ao vento, alimpa-se, e conduz-se para o celleiro.

779.º O grão depois de encelleirado deve ser beneficiado nos celleiros, a fim de que se não deteriore. Como todas as sementes vegetaes o trigo depois de chegado á sua perfeita maturação tende a decompôr-se, e é absolutamente preciso que a industria do agricultor obste a esta decomposição por todos os meios possiveis.

780.º O augmento da temperatura é o primeiro symptoma da fermentação dos trigos; e a fermentação é já um começo de decomposição. E' preciso por tanto prevenil-a, e para isso convem que arejemos e padejemos o grão frequentes vezes.

781.º O gorgulho e a traça são outras enfermidades que costumão ataca-lo, e contra as quaes já atraz expuzemos os convenientes remedios. Devemos tambem prevenir-nos por todos os meios que estiverem á nossa disposição contra os animaes que devorão o trigo, causando grandes perdas ao agricultor.

782.º *Cultura do centeio.* O centeio (*secale cereale*) é depois do trigo um dos mais preciosos cereaes que se conhecem. Elle ajunta aos seus numerosos usos economicos a propriedade de prosperar em terrenos onde a cultura do trigo se torna impossivel. A farinha resultante do seu grão, que é pouco menos pezado que o do trigo, é menos alva, menos feculenta e menos nutriente do que a deste ultimo cereal; mas produz apezar disso um pão gostoso e sadio, que é um recurso precioso para a população pobre de muitos paizes da Europa, e para algumas das nossas provincias; como são, Tras-os-montes, uma parte da Estremadura, da Beira-baixa, &c.

783.º Não se conhece senão uma especie de cen-

teio, mas esta especie apresenta algumas variedades. As mais geralmente cultivadas são duas, a saber, o *centeio do outono* (*secale cereale hybernum*) e o *centeio da primavera* (*secale cereale vernum*). A variedade que se semeia no fim de Junho e que é por esta razão conhecida pelo nome de *centeio de S. João*, posto que seja muito recommendada por *Vilmoren* e outros agnomos, é todavia muito impropria para o nosso clima, e por isso quasi desconhecida no reino. Esta variedade parece não differir da primeira senão accidentalmente. Antes de semear-se o trigo póde e deve semear-se o centeio; e é ordinariamente por elle que começam as sementeiras dos cereaes do outono. O mez de outubro marca a epoca mais geral e mais propria para a sementeira desta graminea; mas quando pretendemos utilisal-a como forragem, ou enterral-a como estrume verde com o fim de adubar o terreno, convem então semeal-a mais cedo e logo ao cahir das primeiras agoas. Os nossos agricultores julgão que a anticipação da sementeira do centeio do outono é em todos os casos uma condição essencial á boa colheita desta granifera. Razões deduzidas do modo de vegetação e da epoca da floração desta planta confirmão aquella observação pratica.

784.º O *centeio da primavera ou tremez* é muito menos cultivado que o do outono; por ser muito menos productiva e mais aventurosa a sua cultura. Entretanto no systema dos afolhamentos recorre-se algumas vezes áquella variedade, que dá logar a culturas anteriores durante o outono e inverno antecedentes; e se o anno corre bem, a sua producção, posto que sempre inferior em palha, egual talvez em grão a do centeio outonal.

785.º E' principalmente nos terrenos ligeiros e soltos, isto é, nos calcarios e siliciosos que se deve cultivar o centeio. Estes terrenos devem receber dois ou tres ferros antes de lhes confiarmos a semente, e raras vezes se sachão ou beneficião com amanhos posteriores.

786.º O centeio é ainda um precioso recurso para a alimentação dos gados por ser uma forragem muito temporã e nutritiva: esta graminea é geralmente considerada como um excellente meio para cevar os carneiros, os bois e as vacas, cujo leite augmenta e bonifica consideravelmente; o seu colmo fornece além disto optimas camas ao gado, tornando-se por esta razão um rico elemento de estrume vegeto-animal: serve finalmente para cobrir as habitações ruraes, para fabricar chapéos e para outros misteres domesticos.

787.º A semente desta graminea é atacada de uma molestia conhecida pelo nome de *esporão* ou *cravagem*. E' uma degeneração fungosa que accomette o ovario e que se manifesta sob a fórma de um esporão de gallo: é branca e cotanilhosa interiormente, e exteriormente de um arroxado escuro. Esta fungosidade communica ao centeio propriedades muito nocivas e origi-

na uma terrivel molestia que accomette especialmente as articulações.

788.º *Cultura da cevada*. A *cevada* (*hordeum*) é uma graminea que tem usos tão numerosos como importantes. O seu grão posto que contenha menor quantidade de farinha do que o do centeio e trigo, produz todavia um pão nutritivo e são com quanto pezado, e inferior: misturado porém com a farinha destas ultimas *colmiferas* adquire consideravel melhora na sua qualidade.

789.º Este cereal depois de mondado e descascado é um bom alimento geralmente utilizado nos paizes do norte. O seu uso na fabricação da cerveja é muito conhecido. Elle subministra aos gados uma excellente forragem que nutrindo-os e refrescando-os ao mesmo tempo se converte no mais sadio e higienico de todos os alimentos. E' preciso porém não o dar apenas ceifado e quando está com todo o seu viço, mas sim deixa-lo murchar alguma cousa para que os gazes da vegetação, e particularmente o gaz acido carbonico, tenham tempo de se evaporar. Esta advertencia é importante, e applicavel a todas as forragens verdes, a fim de evitar a *meteorisação* dos gados, molestia de que trataremos adiante.

790.º Cultivão-se muitas especies de cevada; mas as principaes são: 1.º a *cevada commum* (*hordeum vulgare*) que apresenta as seguintes variedades — 1.ª *cevada de inverno* (*hordeum vulgare hybernum*), 2.ª *cevada de primavera* (*hordeum vulgare aestivum*), 3.ª *cevada celeste* (*hordeum caeleste*) sem fallar de outras menos importantes: 2.º a *cevada hexastica* ou *cavallar* de seis ordens (*hordeum hexasticum*): 3.º a *cevada sancta* ou *distica* de duas ordens (*hordeum distichum*).

791.º Destas especies as mais cultivadas entre nós são a *cevada cavallar*, a *sancta*, e a *primeira variedade da commum*.

792.º A epoca da sementeira da cevada é muito variavel segundo os climas e os usos a que a destinamos. Neste objecto como em muitos outros respectivos a cultura das terras é muito difficil, e ás vezes prejudicial, apresentar regras geraes.

793.º O momento das sementeiras é regulado por considerações muito variadas. Nos paizes quentes como o nosso devem principalmente temer-se as séccas da primavera e do verão, e por isso devemos preferir as sementeiras outonaes ás vernaes; e então o mez de setembro e outubro são os mais proprios para esta operação. Nos paizes frios pelo contrario as neves e os gelos do outono e do inverno são os inconvenientes que se devem particularmente recear, e por tanto poderão em certos casos preferir-se as sementeiras da primavera, que devem ter logar por todo o mez de março.

794.º A cevada de inverno demanda terra boa e substancial, mas não muito tenaz e argilosa — a *sancta* contenta-se com um terreno menos fertil e chega a dar-se bem nos terrenos delgados. A *celeste* quer

terra pingue, mas produz grandes colmos, e um grão superior. Deve-se porém não perder de vista que todas as especies de cevada disfructão muito a terra, e são consideradas como plantas esgotantes do solo.

795.º A cevada de inverno exige as mesmas lavouras preparatorias que o trigo, convem porém que seja semeada por um tempo enxuto para que o grão germine sem apodrecer; o que facilmente lhe acontece quando o solo se acha muito molhado. Deve ser semeada menos basta que a de março, porque tem mais tempo para afillar e lançar grande numero de colmos na presença do calor vivificante da primavera. A cevada de março demanda menos labores, e ordinariamente depois de lavrada e estrumada a terra semea-se e cobre-se por intervenção do arado ou do extirpador.

796.º Nos paizes do norte esta variedade é geralmente preferida ás outras pela grande rapidez do seu desenvolvimento, que se completa por via de regra em oito semanas.

797.º A cevada é trilhada, debulhada e limpa como o trigo, e a sua palha fornece como a d'esta graminea um bom alimento aos gados durante o outono e o inverno. No nosso paiz as palhas destas duas colmiferas são um precioso recurso, sem o qual fôra impossivel a sustentação dos gados no systema dos pousos ainda muito geralmente adoptado.

798.º *Cultura da aveia.* A *aveia* (*avena sativa*) não é tão propria para o nutrimento do homem como os precedentes cereaes. A farinha resultante do seu grão produz um pão negro, pezado e amargo, posto que bastante substancial e nutriente. As suas repugnantes qualidades não obstaram porém a que elle fosse o principal mantimento de varios povos da antiguidade, e a que o seja ainda hoje de muitos camponeses do norte da Europa, e principalmente dos que habitam a Bretanha e a Escocia.

799.º Esta colmifera subministra uma excellente forragem a muitos animaes domesticos e particularmente aos ruminantes. O seu grão é porém quem principalmente a recommenda pelos seus variados e proveitosos usos. Elle nutre, purga e vigorisa os cavallos e outros animaes de trabalho; engorda prodigiosamente os carneiros e torna muito saborosa a sua carne; augmenta a quantidade e o principio manteigoso do leite das vacas e das ovelhas, nutre as aves e accelera a postura dos ovos. E' ainda com este grão submettido á fermentação, que se prepara na Hollanda, na Inglaterra e na Alemanha uma cerveja muito estimada. E' verdade que entre nós não é tão geralmente utilisada, mas inda o é bastante para se considerar como uma graminea de primeira importancia.

800.º As especies e variedades da aveia, que mais geralmente se cultivam, são a aveia commum (*avena sativa*), a *aveia de inverno*, a *aveia da Georgia*, recentemente introduzida na Europa e digna por certo

de se generalisar, a *aveia oriental* ou *unilateral*, e a *nua*.

801.º Se a cevada se apraz particularmente nas regiões meridionaes da Europa a aveia manifesta uma decidida preferencia pelas septentrionaes; e como ella ama os terrenos e os paizes frescos é nas nossas provincias do norte, que deve principalmente cultivar-se.

802.º A sua natural rusticidade a torna pouco difficil na escolha do terreno: quasi todos lhe convem com tanto que tenham alguma humidade. Contenta-se com labores simplicies, de modo que muitos agricultores logo depois do primeiro ferro lanção a semente á terra e cobrem-na com uma segunda lavoura. Esta pratica está porém condemnada pela experiencia, que tem demonstrado evidentemente que a aveia, apesar da sua rusticidade, agradece e recompensa os labores mais regulares e cuidadosos com um consideravel augmento de producção.

803.º A epoca da sementeira desta planta é muito variavel segundo as especies e os climas, podendo semear-se desde o mez de setembro até ao de março. Alguns agricultores recommendão as sementeiras do outono; mas o mez de fevereiro é a epoca mais geralmente preferida, pois até existe um proverbio, que diz — *aveia de fevereiro enche o celeiro*.

804.º Esta graminea não deve ser semeada muito basta, porque as suas raizes desenvolvem muitas radiculas e poderiam prejudicar-se bastante se não tivessem o sufficiente espaço para se ramificarem.

805.º *Cultura do arroz.* O *arroz* (*oryza sativa*) é um graminea, que se suppõe originaria da *India* e da *China*. E' cultivada em quasi toda a Asia desde tempo immemorial, e pôde reputar-se como o pão desta parte do mundo, posto que não seja susceptivel só per si de panificação, como as outras colmiferas de que temos tratado.

806.º Os usos economicos desta planta são muito variados e importantes: o seu grão depois de cozido é um alimento muito substancial e sadio pela grande quantidade de fecula, que contem: os orientaes comem-no depois de submettido a uma ligeira decocção ou só, ou de mistura com a carne e com o peixe, servindo-se por tanto d'elle como os europeos se servem do pão; emprega-se na confecção de muitas iguarias; e misturado com a farinha de trigo na proporção de uma sexta parte produz um pão optimo e de uma alvura perfeita. Na China submettem-no á fermentação, e depois á distillação para obterem esse liquido espirituoso chamado *arach*, que é uma das bebidas mais usuaes do povo.

807.º Na europa poucas nações fazem um uso tão geral do arroz como Portugal, que o tem sempre importado das duas Indias em grande escala. Hoje porém já uma grande parte do arroz, que se consome no sul do reino, é de producção domestica, distinguindo-se principalmente nesta cultura as margens

do Sado e da Ribeira de Sor na provincia do Alem-tejo. O nosso arroz não é tão alvo nem tão graúdo como o *carolino*, mas é muito mais saboroso, feculento, e substancial.

808.º O arroz, como quasi todas as plantas cultivadas de longa data, apresenta grande numero de variedades. Na China a variedade conhecida pelo nome de *arroz imperial* passa por ser a melhor. No Japão cultiva-se principalmente uma outra variedade de grão muito pequeno e branco, que é tida em muita estimação. Nos paizes meridionaes da Europa, unicos em que esta cultura é possível, e principalmente no *Piemonte*, cultivão-se tres variedades, que são o *grande arroz branco*, o *arroz vermelho*, e o *pequeno arroz*. Ha porém duas variedades cultivadas na *China* e no *Madagascar*, que não são aquaticas, como as já mencionadas, mas sim de sequeiro; se estas variedades conhecidas pelos nomes de *arroz seco*, *redondo* e *comprido* se podessem aclimatar entre nós, fôra isso de grande vantagem, porque a sua cultura não produz, como a das variedades aquaticas, sesões, e outras molestias periodicas que tem feito banir os *arrozaes* de alguns paizes da Europa.

809.º Os terrenos destinados á cultura do arroz devem ser quasi horisontaes, ou de um declive suave, para facilitar as irrigações ou inundações, que são uma condição indispensavel á prosperidade dos *arrozaes*. Estes terrenos devem gozar de uma exposição meridional, e ser quasi impermeaveis ás agoas, para que estas possam alagar as plantas todo o tempo que se desejar. Depois de lavrados, adubados e gradados com esmero dividem-se em espaços ou tableiros quadrados ou quadrilongos, que se cercão com margens ou banquetas da largura de dois pés, e de altura de pé e meio, a fim de poderem sustentar as agoas, e de darem passagem ao agricultor para poder empregar-se nos trabalhos da cultura. Estes tableiros devem estar dispostos de sorte, que a agoa se possa conservar nelles como em um tanque sem se vasar por fenda alguma, devendo passar de uns para outros por meio de aberturas que se devem abrir e fechar á vontade.

810.º Dispostos assim os tableiros, e depois de ter immergido a semente em agoa por espaço de 24 horas, procede-se á sementeira que deve verificar-se no mez de março ou abril segundo as diversas localidades; e se acaso se preferir o systema de transplantação, terá esta logar no mez de abril ou maio.

811.º No primeiro caso deve semear-se o grão tão basto como o trigo, e deve cobrir-se immediatamente com a grade, deixando-o a duas pollegadas de profundidade. Feita a sementeira introduz-se logo a agoa nos tableiros até á altura de dois dedos; esta quantidade de liquido deve sempre conservar-se fornecendo o que fôr necessario para substituir o que se perde por infiltração ou evaporação. Passado algum tempo as plantas apparecem vegetando á superficie da

agoa, e ás vezes ostentão-se tão bastas e vigorosas, que é preciso privalas por alguns dias do alimento aquoso. Quando se vê que vão murchando tornão-se a inundar, e então a agoa ha-de subir a maior altura, pois que deve sempre proporcionar-se ao crescimento das plantas. Alguns dias antes da colheita escoão-se as agoas para que tenha logar a maturação do grão.

812.º Este é o methodo seguido no Piemonte e em alguns pontos do nosso paiz, quando se adopta a cultura por inundação; mas se por ventura se preferir a cultura por irrigação, que é mais usada em Hespanha, então deve proceder-se do seguinte modo.

813.º Lança-se ao pôr do sol a agoa para os *arrozaes* em quantidade tal, que conservando-os inundados durante a noite appareça enxuto o terreno ao romper do dia. Esta operação repete-se diariamente até que a semente comece a amadurecer, epoca em que a presença quasi continua da agoa lhe seria prejudicial. Fazem-se então ainda algumas irrigações, mas mais raras; este systema é sem duvida mais trabalhoso do que o primeiro, e talvez não seja tão productivo, mas tem a grande vantagem de manter a salubridade da atmospheria e de impedir as emanções pantanosas, que são a causa das enfermidades que acommettem as povoações, que se achão proximas ás localidades em que se cultivão os *arrozaes*. Elle é o adoptado em alguns pontos do Alem-tejo, onde se tem reconhecido as suas vantagens higienicas.

814.º Quando a palha do arroz adquire uma côr amarella carregada (o que acontece ordinariamente cinco mezes depois da sementeira ou por todo o mez de setembro) procede-se á colheita, visto que a espiga chegou a adquirir a sua completa maturação. Os passaros que cahem em bandos sobre os *arrozaes* logo que presentem maduras as sementes, nos annuncios a epoca da ceifa. Esta faz-se por meio do foucinho, e cortando com grande cuidado e destresa os calmos pelo seu terço superior para que o grão, que se desprende da espiga com grande facilidade, não se espalhe pela terra.

815.º Procede-se em seguida á debulha e encelleira-se o grão depois de estar muito bem secco. Manda-se depois ao moinho de descascar, que não differe dos moinhos de moer trigo senão em ter a mó inferior coberta por um estrado de cortiça.

816.º As terras em que se cultivão os *arrozaes* durante alguns annos ficão muito ferteis e proprias para a cultura de quaesquer gramineas. Esta fertilidade provem principalmente da agoa, que inundava o terreno, dos saes que nelle se depuzeram, e que ella tinha em dissolução, da grande multidão de insectos que perecem e fertilisão o solo, e das muitas raizes e hervas espontaneas que nelle apodrecem e se decompõem. Donde se depreheende que os *arrozaes* juntão á excellencia e riqueza dos seus productos (que ascendem muitas vezes até 100 sementes e quasi nu-

ca descem de 40) a vantagem apreciavel de bonificar os terrenos augmentando-lhes a sua energia productiva; de maneira que se não fóra a circumstancia de ser esta cultura acompanhada de um triste cortejo de enfermidades mereceria ser promovida e generalisada nos paizes meridionaes e principalmente no nosso, onde prospera admiravelmente.

José Maria Grande.
(Continua).

A PROPRIEDADE LITTERARIA.

Ha no mundo uma existencia fatal, que a sociedade trata ainda quasi como pária; que o poder pouco ou nada protege, e que a legislação esqueceu completamente. Esta existencia tão triste e tão mal galardoadá é a vida litteraria.

Achais talvez exaggerado isto; notais com um sorriso incredulo as grandezas a que se elevaram alguns homens; a pompa e o luxo que adornam certos nomes? Ides citar, como negação fulminante, Guizot, Thiers, Chateaubriand; mais de uma reputação illustre da Gran-Bretanha; e na Hespanha Martines de La Rosa e o Duque de Rivas? Fazeis mal. Esses talentos distinctos colheram as palmas do triumpho aos pés da poesia, mas para subirem aonde chegaram viram-se na dura necessidade de cortar os joelhos nos espinhos do calvario politico; e se ouviram de um tropel a saudação do «ave rex!» tremeram tambem escutando a voz de outras turbas que erguiam o lugubre clamor de «cruxifige!» Compraram muito cara a posição que occupam; o que são foi a preço de lagrimas, de vigílias, e de amarguras para todos; custou as magoas do desterro e as angustias da pobreza a bastantes. Nesses louros ha sangue quasi sempre.

Não os levou ao capitolio a Musa do Tasso. Para obterem um lugar eminente empenharam a intelligencia em luctas partidarias, e offerreceram o coração em holocausto aos idolos da epoca. Não foram coroados como Sophocles por Athenas inteira — pelo contrario foram obrigados a fazerem-se ás vezes da estatura dos outros homens, e a fallar a lingua dos erros, elles que tinham nascido para fallar a lingua dos Deoses. O sacrificio foi absoluto. Para caminhar por ambas as estacadas é necessario nascer gigante, e abrangel-as com igual passo. Os fracos vendo o abysmo que as separam vacillam, desvairam, e despenham-se.

Já passou o tempo das grandes ingratições, exclamam alguns. Se vivessem agora Camões e Cervantes não legariam á patria a deshonra do seu desamparo. Hoje o poeta conquistou o lugar que lhe pertence; o talento ganhou os seus fóros, o genio o seu poder, e a intelligencia o seu predominio. Sim? E desde quando? De certo agora a inspiração e a poesia já não condemnam o escriptor ao ostracismo social; já não esconde esse titulo de poeta, que dantes era quasi a

suprema injuria; mas, porque o não reputais illota, deste-lhe acaso os direitos que são seus; respeitais nelle a soberania do engenho, e a magestade do genio? Basta a admiração esteril; basta o presente sem futuro para metter na tela de uma carreira consumida pelo ardor da imaginação todas as cores da esperanza? Onde está o premio, o estímulo, e as honras; onde está a coroa civica que recompensa as fadigas da intelligencia, e a gloria de um povo ganha á custa do talento de um homem?

Começais pelo entregar a si nas provas mais crueis e acabais por lhe negar a propriedade, fructo do seu trabalho, e unica herança de seus filhos. Dizeis ao lavrador — esse campo cultiva-o, melhora-o e não recebeis; ninguem to roubará; tens a lei para te proteger! Ao fabricante, ao agiota, ao negociante, a todas as classes assegurais que o suor do seu rosto e as combinações do seu espirito não lhes serão usurpadas; — e ao escriptor o que prometteis, o que dispõe a legislação ácerca de direitos tão sagrados, sobre o patrimonio de seus filhos? Uma peça de chita goza da garantia da lei; — um livro ou um drama é do primeiro que o contrafaz pela imprensa, ou se apossa delles em um palco scenico! bella e profunda distincção que honra as lettras e a civilisação de um povo!

Qual é a razão desta differença — porque motivo, protegendo todas, exceptuaes só a propriedade que de mais perto interessa a intelligencia? Pois que! o progresso fez-se apostollo, ensina a egualdade, e vós sancionais pelo silencio da lei a expoliação do talento? A classe media alargou os seus dominios, fortificou o seu poder, arrancou o sceptro das mãos das potencias rivaes, e nem se quer se lembra dos mestres, cujos escriptos, cuja voz eloquente a guiaram á victoria?! O que fizestes vós em favor delles? Levantastes a especie de excommunhão social com que a inveja e o orgulho nobiliario se vingavam dos que sentiam maiores do que elles? Que remedio, senhores da burguezia! Para um negociante ser auctoridade, para um homem filho do povo ousar estender o braço e pezar com elle armado do poder, era indispensavel que um nivel inexoravel egualasse tudo. Trabalhastes pois para vós e nada mais.

Não fechastes ao poeta a tribuna? Não lhe negastes o róstro popular da imprensa? Não o excluistes das honras e dos cargos publicos? Em verdade eis ahi admiraveis rasgos de magnanimidade! Sois generosos como Lucullo, convidais ao vosso banquete aquelles que vos conquistaram as provincias onde reinaes! Tendes distincções para estrellar o peito dos grandes homens que inventais; tendes empregos para saciar a gula politica de todos os lictores e consules dos vossos comícios; as honras e os premios remuneram os serviços administrativos e militares, e só vos esqueceu contar com a intelligencia nesta riquissima partilha. Fizestes o quinhão de todos, e como o Leão devorastes por differentes titulos o que pertencia a outros. O

poeta, o historiador, o philosopho se não vestirem a vossa libré e não servirem alistados em uma bandeira, das que inauguraes, de que vivem, ou como os considerais? O que lhes dais? O que obtem? Nada. Vegetam na miseria, passam desconhecidos na terra do martyrio, e as suas obras, ineditas e perdidas, abysmam-se com elles na sepultura, se o acaso não esfolha algumas paginas na fugitiva tela dos jornaes diarios.

Custa a acreditar que esta seja ainda hoje a posição das letras em Portugal e fóra d'elle mesmo; nenhum estímulo, nenhuma protecção as alenta; o talento floresce e morre sem que em redor d'elle haja mais do que o rumor surdo de uma admiração discreta. Os partidos só conhecem a intelligencia para lhe impor a servidão da sua tutela; como os patricios romanos não fazem senão clientes. Os governos ignoram sempre o engenho que os não defende. Actos espontaneos, legislação illustrada, auxilio efficaz, debalde o pedirão; os influentes não querem ou não sabem däl-a. Tudo se reduz a periodos sentenciosos, á gymnastica oratoria, e a frases tão oucas como estereis.

E a questão da propriedade litteraria é a prova. Sabemos que o negocio não se resolve com a facilidade com que se discute; vemos os obstaculos; apreciamos os embaraços. O auctor e a sociedade, cada qual com direitos especiaes e irrecusaveis, encontram-se, e o preceito legal que regula um póde ferir ou restringir o outro. Mas no meio de tanto fallatorio ocioso em cortes, de tanta verrina torpe na imprensa, não houve em quatorze annos oito dias que dedicar a este assumpto, que além do mais interessa o paiz pelo aspecto commercial? Ao menos se não querem trabalhar a favor do livro como fructo intellectual, façam alguma cousa a favor da livraria, que é o negocio material dos typos e das impressas que se alimentam della!

Entre nós o commercio dos livros é o menos protegido; apesar das industrias que vivem á sua sombra, a legislação continua a olhar para elle como madrastra. As artes typographicas estão paralisadas pelo abatimento dos salarios, e pela especie de exclusivo, que a pauta das alfandegas assegura ás officinas da imprensa nacional. O typo é caro e dura pouco; a concorrência com o estrangeiro torna-se quasi impossivel; o preço é imposto por quem não teme que outro productor o offusque vindo a melhores condições; a qualidade pouco ou nada se aperfeiçoa, porque não ha rivalidades fortes que estimulem. Mesmo depois dos melhoramentos verificados por um homem de notavel capacidade, tão cedo roubado ás letras, o estabelecimento da imprensa nacional, ainda que muito aperfeiçoado está longe com tudo de egualar os estrangeiros, e de oppor os seus productos aos que sahem das officinas de Paris se não obtiver alguma protecção. Mas o auxilio devido á industria patria nunca deve exaggerar-se a ponto de crear o monopolio e de ma-

tar até a sombra de concorrência.— Ora se não é este em rigor o verdadeiro estado das cousas hoje, tão perto vamos d'elle que não parece facil já distinguir a distancia, que separa a industria protegida do exclusivo absoluto.

Tocámos por incidente este ponto, sobre o qual em mais opportuna occasião contámos expor todo o nosso pensamento. Citamos hoje um exemplo, e nada mais. Em Portugal o escriptor, que deseja imprimir qualquer obra é um martyr que tem de lutar com difficuldades pecuniarias, que n'outros paizes não existem, ou são menores. Se o preço dos salarios na composição é moderado, não o são egualmente a tiragem, e os lucros chamados despezas de prélo. A' custa de braços e pouco aperfeiçoada nos processos chemicos a tiragem as mais das vezes sahe pouco nitida e custa carissima; por outra parte os donos das officinas para obterem lucros proporcionados ao capital empregado e ao custo da industria, indemnizam-se com razão da pouca duração e pouca barateza do typo. Segue-se o papel, monopolio auctorizado em nome da pauta, em que o fabricante do alto do seu egoismo dicta a lei e impõe a sua vontade soberana ao consumidor.

Com taes algemas póde prosperar a livraria, animar-se o talento, e sustentar-se uma industria que alimenta tantas profissões laboriosas? Mas estes obstaculos venceram-se; o livro transpoz os limbos typographicos; cevou-se a gula de todas as harpias do monopolio; cada pagina foi quasi pesada a ouro; cada volume foi um martyrologio fiscal; que importa? a nova chrysalida rompendo o involucro póde abrir as azas e correr o mundo. Está livre, é senhora de si? Acha para viver protecção egual á das industrias que a magoaram? Não. Concedem-lhe o espaço e a luz. Dão-lhe licença para viajar sem direitos de barreira, nada mais. Aboliram a censura previa, e julgam que não lhes resta mais a fazer para serem magnanimos e generosos!

Os livros não viajam de graça; ninguem inventou ainda para elles a navegação aeria. Na falta pois de passarola vão por mar ou em cargas por terra. Aqui os espera nova exacção. Como não possuímos nenhuma especie de conducção accelerada, pelo simples motivo, de que as não ha onde não ha estradas, quando a comunicação maritima falha, o transporte faz-se pelos recoveiros, ou pelos correios e postas. Penosa e de um preço exaggerado esta conducção, veloz como a tartaruga, collecta os productos em uma despezza adicional, a que não é facil resistir. A pessima organização dos correios e postas, (mesmo quando taes conducções lhe devessem pertencer), annullaria o beneficio da rapidez e da segurança do transporte. A completa anarchia das recovagens, que nenhuma disposição policial regula, entrega mais ao acaso do que ao calculo o commercio, que gira por tão dudoso conducto. Os livros, pois, apenas tentam sahir do seu berço acham diante de si uma terra sem es-

tradas, sem diligencias, sem communicacões facéis e baratas; e pagam o somno morbido dos governos com a multa enormissima do transporte.

Acrescentai a isto o limitado numero de leitores; a falta de circulação interna; a estagnação do numerario; e a grande penuria de correspondentes idoneos, que recebam e transfiram o dinheiro dos pontos mais distantes para os centros mais activos. Eis notada em resumo a somma de vantagens, que alentam o engenho, e estimulam as lettras na patria de Camões. Para dar dois passos fóra de Lisboa e Porto toda a sorte de embaracos; para conduzir um objecto de certo peso de um a outro sitio toda a custa de obstaculos e despesas; para vender falta de leitores, porque ha falta de instrucção; para comprar falta de numerario, porque as obras não se pagam em fructos como na epoca patriarchal dos povos Pastores, e um poeta não vive de idillios. Se recebesse em premio do seu livro aquellas

« *castanix molles et pressi copia lactis* »

de que falla o buccolico romano, o seu prazer seria menos que mediocre. Para obter mesmo o producto dessa limitada venda, que se faz, as delongas são incalculaveis; e só á custa de empenhos podem amigos zelosos receber e transferir pelo seguro qualquer quantia. A chuva de Danae em Portugal nunca passou de arripiado orvalho outanico. Achais o quadro sombrio? paciencia, e vereis que não é tudo ainda. Os auctores, aqui, estão como os companheiros do Ulisses expostos á voracidade do Cyclope. São devorados até pela besta de Panurgio; e só o heroismo pôde levar-os ainda a afamarem com mais um naufragio estes mares visitados por tantos infortunios.

As servidões antigas, abolidas pela liberdade, aninharam-se no escriptorio do poeta. O imposto bate-lhe á porta, e pede a sua quota em nome dos beneficios sociaes, e da vigilante tutela do governo; a typographia collecta-o em nome dos progressos de uma imprensa modello. O fabricante de papel escorcha-o para manter illezo o pudor dos papelões e almossos nacionaes. O mercado lento e limitado castiga nelle a temeraria idéa de suppor que Portugal viu uma retea do sol, que illumina a civilisação da Europa. Os criticos excommungam ou enguiçam a obra roncando *ab alto de toro* os periodos da Esthetica de Kant ou do tratado do Bello de Hegel. As damas desmaiam se elle pinta paixões fortes; e bocejam se descreve os amores pacificos. Os eruditos polvilham de epigrammas laboriosos e empertigados as infelizes paginas do Livro. O correio estropia os prospectos. Os recoveiros sahem em dia de anno bom e chegam no Domingo de Pascoa ao sitio dado. Os correspondentes esquecem-se ás vezes de se lembrar, que o dinheiro de um poeta é tão sagrado como o de um hortelão. Em fim a sociedade para coroar todos estes auxilios prestados á sciencia e á arte põe os auctores abaixo dos histriões,

porque garante aos ultimos o premio das suas pelitticas, e nega aos primeiros uma lei que reprima o roubo da propriedade intellectual. E' o caso de se perguntar com a reverencia devida ás cortes e ao governo o que Cicero perguntava a Catilina:

« *Quousque tandem abutere patientia nostra?* »

Quando a jurisprudencia das nações modernas limitou a propriedade litteraria, e em nome da utilidade publica lhe negou a perpetuidade, obrigou-se por isso mesmo a velar com mais zelo, com mais rigor ainda sobre os direitos da posse temporaria. E' neste sentido que a lei declara a guerra aos dois piratas, que mais de perto infestam as lettras: — ao plagiato e á contrafacção. Dantes a risada estridente da critica punia só o ratoneiro, que vivia d'apanhar as idéas dos outros. Um verso, um chasco, como a formiga de Gesner, mordida o calcanhar do caçador, e salvava a victima. Hoje os tribunaes decidem os pleitos ás vezes comicos, em que dois poetas disputam sobre qual primeiro *teve ou sentiu a idéa* como diz engenhosamente Robin.

Mas em toda a parte, tanto a lei, como a opinião publica ferem com o mais severo stigma o roubo insolente do contrabandista litterario — que se chama contrafacção. O crime deste não escapa muitas vezes ao argumento juridico como o plagiato; não se vinga como Cervantes vingou Cid Hamet Benengeli dos ultrages do podão imitador — é uma perda sensivel, um furto publico commettido contra o creador ou contra o usufructuario da propriedade intellectual, de que resulta ruina e damno apreciavel commercialmente. Quasi todos os paizes pelo rigor salutar da legislação, e pelo influxo da auctoridade moral se purificaram deste contagio. A contrafacção perseguida de astucia em astucia, de disfarce em disfarce, e desesperando salvar-se, foi obrigada a passar as fronteiras e a opprimir as lettras, livrando-as da sua odiosa presença. O mercado interno respira melhor, é verdade; porém a guerra continúa de longe a assaltal-o. A contrafacção deserta da patria para vestir entre estranhos a libré de industria parasita. Respeita a propriedade indigena, mas explora sem misericordia a estrangeira.

A' legislação, por tanto, compete proteger a propriedade intellectual no mercado interno como protege todas as artes e industrias, e punir a contrafacção como delicto social. A' politica pertence depois, por via diplomatica, destruir as difficuldades, e estreitar as relações internacionaes, assentando-as na base do respeito dos direitos reciprocos. A primeira faz-se no parlamento onde as leis se votam; a segunda faz-se por uma convenção, em que as nações se declaram em pleno accordo para reprimir mutuamente o roubo da propriedade intellectual dos respectivos subditos.

Em Portugal começamos por não ter lei, e não admira que falte a convenção, a qual só deve negociar-

se com ella. O trabalho da intelligencia exposto á voracidade de livreiros, de plagiarios, e de mercadores de litteratura a retalho, é investido e dilacerado por toda a especie de gente. Ora mesmo os mais indifferentes hão-de confessar que é odioso proteger toda a propriedade, até a dos saltos e equilíbrios, e commetter o absurdo de só exceptuar a propriedade intellectual. Os estadistas hão-de reconhecer tambem que depois do que estabeleceu a legislação dos outros paizes, não consignar em favor dos direitos dos auctores uma só disposição legal, nem abona muito a sua capacidade, nem honra demasiado a nação. Demais este silencio da lei, que permite o contrabando litterario, não fere só os escriptores, os illotas sem foro civico; mata ou infeza duas industrias importantes — a typographia e a livraria. E' impossivel chegar a um accordo com o Brazil e com a França, que são as terras onde as obras portuguezas se contrafazem mais, em quanto a nossa legislação não corresponder á sua nesta parte; e a politica não tiver meditado sobre a maneira de os indemnizar sem prejuizo nosso de qualquer sacrificio que a justiça e a moral exijam.

E' por isso que no seguinte artigo discutiremos as bases em que deve fundar-se a lei, e insistiremos na urgencia de se negociar sobre ellas uma convenção, que liberte as letras portuguezas dos pyratas, que a expoliam, sobre tudo no grande imperio além do Atlantico.

L. A. Rebello da Silva.

A ACADEMIA DAS SCIENCIAS.

Houve uma epoca em Portugal, em que a actividade litteraria se manifestou principalmente pelas academias. Um numero consideravel destas corporações, com denominações singulares e ridiculas, se constituiu com o apoio de um monarcha, que, tomando para modelo Luiz XIV, passava a vida em futilidades, e amores freiraticos, e presidia gravemente ás insulsas sessões de uma denominada então *Academia real da historia portugueza*, onde recebia em linguagem gongorica, entre conceitos e trocadilhos, os mais banaes perfumes da lisonja corteza.

Essas academias foram o flagello da litteratura; ajudaram a matar o gosto, que já então se achava muito estragado e perdido, pela imitação que os nossos versificadores faziam das dicções poeticas dos auctores castelhanos e italianos que escreveram depois de Gongora e Marini; e afastaram o pensamento dos homens de talento da verdadeira sciencia, para o encaminhar pela falsa estrada das combinações de frase, das distincções e *cathegorias*, onde a razão ficava afogada em palavras sem significação.

Mais tarde fez-se em Portugal uma immensa reacção contra a decadencia do gosto e da poesia; illustres

poetas e sabios, cujo nome occupa um distincto logar na historia da sciencia, deram uma direcção opposta aos estudos do paiz. Garção e Diniz, crearam uma poesia nova, indo colher á mina preciosa dos classicos os diamantes que lá jaziam esquecidos: Monteiro da Rocha combateu em Coimbra contra o poder da *auctoridade* e da barbara ignorancia que alli reinava ainda despoticamente.

Foi nesta epoca que nasceu a Academia das sciencias pelos exforços e cuidados do duque de Lafões. A Academia não luctou quanto lhe cumpria contra a nova decadencia em que ia cahindo o idioma portuguez; não se oppoz á invasão de gallicismos e de traducções eivadas de absurdos que de novo estragavam a lingua: porém serviços scientificos, trabalhos historicos conscienciosos fêz-os indubitavelmente.

No principio do seculo a Academia era uma corporação scientifica importante, que trabalhava, que pensava, que escrevia. E' verdade que nessa epoca o paiz tinha homens que se associavam ao movimento geral da Europa. — Muitos sabios illustres cultivavam entre nós as Mathematicas; as sciencias naturaes tinham quem as amasse em Portugal. Correa da Serra fazia conhecer o seu nome na França, e erá citado pelo illustre De Candolle; Brotéro fazia uma Flóra; Loureiro visitava a Cachinchina, Velloso percorria o Brazil.

Com a ida da corte para o Rio de Janeiro a actividade intellectual da nação acabou, para tornar a acordar só aos clamores da liberdade. — A epoca em que estamos é sem duvida alguma, a mais activa que Portugal ha muito tem visto. Ha realmente uma grande elaboração nos espiritos da geração nova, a que se acham associados dois grandes escriptores; um poeta e um historiador, o Sr. Garrett e o Sr. Herculano.

E que faz a Academia?

A Academia, depois de uma decadencia rapida e desastrosa, perdeu-se na triste indolencia em que jaz hoje. Quando as sciencias se desenvolvem em todo o mundo, quando o ensino vae entre nós progredindo n'algumas escolas superiores e fazendo suas as descobertas e theorias modernas, quando a litteratura e a critica em Portugal se elevam ao nivel da moderna philosophia, quando em fim a historia patria apparece lucida, pura de erros e absurdos, sincera e philosophica como hoje se entende que deve ser a historia, a Academia não exita em lançar cada anno no *Diario do Governo* uma serie de questões, que não são todas é verdade destituidas de importancia, mas que em geral não interessam immediatamente nem a sciencia, nem a industria, nem a litteratura, nem a humanidade. E ainda assim é esse programma o unico signal de vida que nos dá a academia: obras suas não as vê Portugal ha muitos annos.

Lançando os olhos para a historia das sciencias, vê-se que este meio seculo ultimo tem sido mais fecundo, muito mais fecundo do que os seculos que o precederam.

A astronomia, partindo das descobertas de Newton, e do systema de mechanica celeste de Laplace, tem attingido uma grande perfeição; a ponto de poder *adivinhar*, se se pôde aqui usar desta palavra, a existencia de um astro que os telescopios ainda não tinham podido observar.

A meteorologia, luctando com as immensas difficuldades de observações incoherentes de instrumentos pouco perfeitos em geral, tem ido pouco a pouco alargando os seus dominios, conquistando os foros de sciencia. Hoje possui principios exactos, theorias provadas, é util aos homens, e em breve formará um dos ramos principaes das sciencias de applicação.

Os progressos da phisica neste seculo são extraordinarios: o calorico, a luz, a electricidade, o magnetismo teem sido objecto de profundos estudos, de constantes observações. A *photografia*, a *polarisação* da luz, os telescopios perfeitos, a *camara lucida*, a acção mechanica do vapor e as suas prodigiosas applicações, os telegraphos electricos, e muitas outras descobertas de alta importancia são filhas do nosso seculo.

Que se pôde dizer da chimica, sciencia inteiramente moderna, senão que a sociedade lhe deve os seus mais poderosos recursos, e que é neste seculo que a chimica tomou lugar, o primeiro lugar entre as de mais sciencias? — A chimica organica apenas existe, e já é uma sciencia immensa: no nosso tempo tudo caminha com rapidez incalculavel.

A mineralogia deve a Hany as suas theorias geometricas, que tanto facilitam o estudo e a classificação. A geologia toma no seculo XIX um character positivo, abandona as theorias abstractas, para adoptar theorias fundadas na observação e na experiencia. A theoria das sublevações rapidas de Elie de Beaumont, é contrariada ainda na verdade pela theoria mais racional de Lyell; mas ambas vão buscar os seus fundamentos á observação e aos factos. A paleontologia, poderoso auxilio da geologia, deve, pôde dizer-se, a sua existencia a George Cuvier.

A anatomia subiu a uma grande altura como sciencia, depois dos trabalhos de Vicq-d'Azyr e Cuvier em anatomia comparada, de Bichat em anatomia geral e dos tecidos, e dos estudos de Geoffroy Saint-Hilaire em anatomia philosophica. As idéas de Blainville que estabeleceram as bases de uma morphologia racional; os systemas, de Serres fundado no desenvolvimento centripeto do organismo; de Oken, que divide os animaes em tres grandes classes segundo as *partes organicas elementares* que os constituem, — a classe dos animaes com visceras, as classes dos animaes com carne, e a classe dos animaes dotados de sentidos perfeitos; em fim o systema de Carus que, partindo da esfera como forma fundamental, explica toda a evolução dos órgãos pelas deslocações do elemento solido; extabeleceram definitivamente o principio da unidade organica: que, além disso, é confirmado pela *teratologia*, sciencia nova que se funda no principio de que

os embryões passam, no seu desenvolvimento, pelas formas proprias dos animaes das classes inferiores.

As mathematicas, a philosophia, as sciencias moraes teem sido engrandecidas pelo espirito generalizador do nosso tempo. As mathematicas devem a Cauchy amplos desenvolvimentos no seu ramo mais sublime, no calculo. Os systemas de philosophia modernos tendem a estabelecer a harmonia da razão e do sentimento, da fé e da sciencia. As sciencias moraes, são o que não foram nunca; porque o homem pensa na humanidade, e considera-a como irmã, ama-a como a amou Christo.

As sciencias todas teem caminhado prodigiosamente nestes ultimos annos, sciencias novas occupam um logar distincto na escala dos conhecimentos humanos; as intelligencias poderosas de todas as nações trabalham na grande obra que deve ser a maior gloria do seculo XIX; as academias, concentrando as suas forças multiplas, luctam com as difficuldades inumeras das sciencias de observação, acumulam factos sobre factos, gastam a actividade no improbo trabalho da analise. — Em quanto o mundo scientifico se agita, em quanto o pensamento cava os abismos da natureza, o que faz a nossa Academia?

Em todas as nações civilisadas, homens pacientes e laboriosos, dotados de talento e vontade forte, revolvem os velhós pergaminhos, sacodem pó dos cartorios abandonados, decifram as escripturas gastas pelos seculos, e tiram desse cáos informe a verdade pura e limpida da historia patria. Em Portugal um talento illustre emprehendeu um immenso trabalho, semelhante ao desses homens, que a Europa admira: o Sr. Herculano vai dotando a sua patria de uma historia, que não tinha. — E em quanto um homem elabora penosamente a historia patria, o que faz a Academia?

Estrangeiros vem explorar o nosso solo, estudar geologicamente os nossos terrenos: estrangeiros vem completar a nossa flora, estudar a fauna dos nossos rios: estrangeiros percorrem o paiz, e lançam os lineamentos geraes da historia da arte portugueza. — E em quanto estrangeiros trabalham nas nossas cousas, não por amor da patria que não é delles, mas por simples amor da sciencia geral, o que faz a Academia?

O que faz a Academia subsidiada pelo governo? O que faz a Academia, que fecha as portas do seu *santuario* aos homens que trabalham? O que faz a Academia, que já foi grande, que já trabalhou, que já escreveu memorias, e publicou obras importantes?

NADA! NADA!

João de Andrade Corvo.

A CALIFORNIA.

No seculo doze o velho mundo europeu exaltado pela voz de um pobre peregrino que voltava de Jerusalem, levado pela fé pura, e crenças vivas que nes-

se tempo alumiam as almas do rei e do vassallo do senhor e do servo, arrojou como uma torrente sobre o oriente, para ir libertar as reliquias sagradas do santo sepulchro. Quando no concilio de Clermont, o papa Urbano repetiu as palayras do Ermita Pedro, a multidão respondeu n'um só clamor « E' a vontade de Deus, é a vontade de Deus » e lançando mão das armas, caminhou para os desertos da Palestina, para ali ser devorada pela fome, pelas privações, e ser rasgada pelo ferro inimigo.

Hoje uma commoção semelhante percorreu o novo mundo. As duas Americas agitadas por um pensamento commum caminham pelos desertos, atravessam montanhas geladas, ou se arriscam em mares tempestuosos para ir em busca... do ouro. O brado que trôa por toda a parte « A' California » não é arrancado por um pensamento religioso, não é a fé que anima essa população que corre para um paiz arido e deserto: a cubiça, a sede de ouro, essa paixão violenta das sociedades modernas, é só quem hoje podia pôr em movimento um tão grande numero de homens. A California é um peiz de thesouros, o ouro alli allora por toda a parte, e o mundo moderno quer ouro, adora, crê só no ouro. » A' California; eia! á California; é a vontade de Mammon! »

Em 1848 um certo capitão Sutter, depois das conquistas dos Americanos do norte, foi, por espirito de especulação, estabelecer-se nas proximidades do rio Sacramento. Ahi, lembrou-lhe construir um moinho de serrar, aproveitando para dar movimento á machina uma corrente de agoa que passava por um braço daquelle rio. Construiu-se o moinho; mas notou-se que o canal era pouco largo, e, abrindo uma represa, quiz-se pela força da propria corrente dar-lhe dimensões mais convenientes. A corrente revolveu o solo, e pôz a descoberto uma quantidade immensa de fragmentos metallicos; que se reconheceu serem de ouro quasi puro.

Assim se descobriu o novo El-Dorado.

Os descobridores do precioso thesouro buscarem guardar para si o monopolio da sua exploração. Mas, que encanto pôde neste nosso tempo, guardar dos olhos vorazes dos especuladores uma fonte de riquezas? Espalhou-se a maravilhosa noticia; e as cidades proximas de Monterey, e S. Francisco despovoaram-se, ficaram desertas como se por ellas tivesse passado algum flagello de Deus; tinha passado a cubiça. Depois começaram a despovoar-se as cidades mais distantes; os navios que aportavam naquellas paragens, ficavam abandonados; e capitães e equipagens iam em busca do metal adorado. Hoje avalua-se em mais de cincoenta mil o numero dos viajantes que se encaminham de todos os pontos do mundo para a California.

Um terrivel desapontamento espera porém os desventurados peregrinos. Na California, se o ouro é muito, as cousas indispensaveis á vida são em pequena quantidade e más; ora como o ouro não é em si mais

que um representante de valores, e os valores, pela pequena offerta, tem crescido espantosamente, segue-se que as despezas estão ao nivel das receitas, e que os exploradores ganham consideravelmente menos do que sonharam ganhar nas suas horas de fantasticas esperanças.

Com effeito a farinha, que a principio valia a 480 réis a libra, está hoje a 1\$110 réis. Uma garrafa de brandy custa mais de moeda e meia. Cita-se como um facto curioso, a historia da transacção feita por um fabricante de balanças, que vendeu um destes uteis instrumentos de cobre pelo dobro do seu peso em ouro. Os exploradores para não morrerem de fome veem-se na necessidade de formarem sociedades, em que, por seu turno, cada membro exerce as funcções de cosinheiro, recebendo por dia 16\$000 réis. O governador, para conservar debaixo das suas ordens alguns soldados tem feito os maiores sacrificios: ficando por ultimo sem nenhum creado, e vendo-se obrigado a fazer o seu proprio jantar.

A California pôde só por si lançar no mercado mais ouro que todas as outras minas juntas. A producção de ouro, que já era extraordinaria depois que se exploravam as minas da Russia, deve agora necessariamente causar um desequilibrio no valor relativo dos metaes, e além disso depreciar em absoluto todas as moedas.

As rendas fixas em numerario hão-de soffrer uma sensivel diminuição: os Estados vêr-se-hão obrigados a elevar a cifra nominal dos impostos, e o valor dos ordenados. A revolução terá lugar infallivelmente em favor do trabalho, e contra o capital accumulado.

Mas que padecimentos não terá a sociedade antes de se estabelecer o verdadeiro equilibrio?

João d'Andrade Corvo.

AS TRES CIDRAS DO AMOR.

No theatro de D. Maria Segunda está-se ensaiando uma composição dramatica do Sr. Mendes Leal com este titulo. Todos conhecem este bello conto de fadas, que tantas vezes na infancia ouvimos cheios de prazer e de admiração no regaço materno. A peça pertence ao genero phantastico, que antigamente chamavam Magicas; e colloca o logar da scena na Asia, berço de todas as tradições poeticas.

O ingenho dramatico do Sr. Mendes Leal é assás apreciado; a sua fecundidade prodigiosa; e o seu talento tão flexivel como prompto. Todas estas qualidades brilham na sua nova obra, tocada com bom pincel em diversos lances e posições. Na tela deslumbrante da lenda arabe entretecem-se com arte os fios do enredo mais original e mais variado. O comico liga-se com o serio; o natural com o sobrenatural; a lingua dos homens, a prosa, alterna com a lingua dos Deuses, o verso.

De um effeito grandioso as transformações e visualidades realisam todos os caprichos de uma imaginação rica, ao passo que revestindo de formas materiaes o pensamento só obedecem ás exigencias do genero. A poesia que fallam os genios e as fadas é de admiravel elevação e harmonia. O desenho do primeiro acto largo e grandioso; o quadro dos outros colorido, ligeiro, e firme.

A peça vai sumptuosamente vestida. O scenario e machinismo são excellentes, e os choros, obra do Sr. Pinto, são de muito gosto e exprimem com grande propriedade os sentimentos que inspiraram a letra. Este genero phantastico, ao qual na esphera philosophica se deve o *Fausto*, o *Manfredo*, e as *Sete Cordas da Lyra*, bem estudado pelo aspecto popular, póde abrir uma mina inexgotavel para o theatro, e conciliar a novidade com a pompa do spectaculo, e a paixão com as maiores ousadias da arte.

As correções de que necessita a *chronica* do num. passado, far-se-hão na do num. seguinte, que deixa de ir neste por falta de espaço.

NOTICIAS.

FUNDOS PUBLICOS.

Em 7 de Fevereiro.

PRAÇA DE LISBOA.

No dia 5 de Fevereiro o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Inscrições de 5 por cento	47	48
Ditas de 4 por cento	38	40
Apolices de 5 por cento ant.	47	48
Ditas de 4 por cento ditas	38	40
Titulos sobre a caixa de amortisação	43	45
Titulos de dívida publica ant.	2	4
Papel-moeda	10	12 m. f.
Titulos antigos (azues)	3	4
Tres operações	20	22
Acções do Banco de Portugal	460,000	470,000
Ditas do dito Porto	230,000	235,000
Ditas das Lezírias	345,000	350,000
Ditas— Seguro Firmeza	345,000	350,000
Ditas— Fidelidade	300,000	310,000
Ditas Seg. Seguranga do Porto	92,000	102,000
Ditas— Omnibus	95,000	100,000
Ditas— Pescarias	28,000	30,000
Ditas— Vapores do Tejo	24,000	26,000
Ditas dos ditos do Porto		
Ditas— União Commercial	60,000	65,000
Ditas— Fiação e Tecidos	110,000	120,000
Ditas— Valla d'Azambuja	50,000	60,000
Obras Publicas	3 a 4 por cento	

ALFANDEGA DO TERREIRO.

Movimento dos cereaes de 26 a 31 de Janeiro de 1849.

	Trigo		Cevada		Milho		Cevada	
	moios	alq.*	moios	alq.*	moios	alq.*	moios	alq.*
Entrada	770	45	69	8	152	6	—	—
Despacho	605	25	131	22	142	28	3	—
Existencia	7668	8	2004	12	849	6	123	38
Preços	360 a 530		220 a 250		300 a 340		260 a 320	

CAMBIOS EM LISBOA.

Em 30 de Janeiro.

	Cambios	Cotado	Dinheiro	Papel	Effectuado
Londres 30 d. v.	52 5 oit.	—	—	—	52
» 60 d. v.	52	—	—	—	52 7 oit.
» 90 d. v.	52	—	—	—	52
Pariz 100 d. d.	532	—	—	—	532
» 3 d. v.	538	—	—	—	538
Hamburgo 3 m. d.	48	—	—	—	48
Amsterdan . . . dito	42	—	—	—	42
Genova dito	526	—	—	—	—
Vienna dito	400	—	—	—	—
Trieste dito	400	—	—	—	—
Liorne dito	142	—	—	—	—
Napoles dito	750	—	—	—	—
Madrid 15 d. v.	920	—	—	—	—
Cadiz 15 d. v.	920	—	—	—	—
Porto 8 d. v.	1 p. c.	—	—	—	—

METAES.

	Compra	Venda
Peças de 8,000	7,980	8,000
Ouças hespanholas	14,570	14,600
Soberanos	4,490	4,500
Ouro cerceado	1,940	1,970
Dito em barra	25	26
Patacas hespanholas	920	923
Ditas brasileiras	920	923
Ditas mexicanas	920	923
Prata em barra	28	—
Desconto de notas de 4800	2,000	1,980

FUNDOS EM LONDRES.

Em 16 de Dezembro.

INGLEZES.

Consolidados de 3 por cento	89 3 oit.
Consolidados	89 5 oit.
Reduzidos de 3 por cento	88 3 oit.
» de 3 por cento	89 7 oit. 90

ESTRANGEIROS.

Portuguezes de 3 por cento	—
» 4 por cento B.	26 27
Hespanhoes de 5 por cento	15 16
» 3 por cento	28 29

Brazileiros de 5 por cento 1824 75 77
 » dito 1829 1839 — —

ESTADO DO MERCADO.

Algodão — Continúa empatado.

Assucar — Poucas vendas, e de pequenas porções tiveram logar para reexportar, com tudo está mais animado; os possuidores sustentam os preços. O branco superior de Pernambuco é procurado para consumo.

Cacão — Algumas vendas se effectuaram, e os preços sustentam-se.

Café — Em consequencia das vendas effectuadas para reexportação acha-se mais animado, e continua a falta da qualidade superior que é procurado.

Couros — Tem havido vendas dos seccos para reexportar, e salgados para o consumo.

Marfim — Effectuaram-se algumas vendas do superior (o de lei) acha prompta venda.

Manteiga — Existem 4000 barris.

Salsa parrilha — Poucas vendas.

Urzella — Empatada.

GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

OBRA EM DOIS VOLUMES EM 8.º COM ESTAMPAS

PELO DR.

JOSÉ MARIA GRANDE

Lente de Botânica e Agricultura na Escola Polytechnica, e Membro de varias sociedades litterarias e scientificas tanto nacionaes como estrangeiras.

Vai publicar-se esta obra elementar de agricultura theorica e pratica, onde os nossos cultivadores poderão encontrar as noções mais essenciaes desta sciencia expendidas em linguagem intelligivel e clara. O auctor propoz-se principalmente na composição desta obra ser util á classe agricola; e considerar-se-ha feliz se chegar a conseguil-o. O primeiro volume, cuja impressão se está concluindo, contem as duas primeiras partes da obra, a saber — *organisação e vida das plantas* — e *elementos de agricultura*: O segundo deve conter as restantes, isto é — *elementos de horticul-tura e arboricultura* — *principios de economia rural* — *principios de veterinaria* — e *preceitos e maximas do agricultor*.

No primeiro volume além das noções de anatomia e phisiologia vegetal mais essenciaes ao cultivador, tratam-se as seguintes materias:

Clima e sua influencia na agricultura.

Acção chimica, mechanica, e meteorologica da atmosphaera, e sua influencia na agricultura.

Situação, latitude, elevação, e exposição do solo. Inclinação e abrigos. Signaes para prever as mudanças de tempo.

Natureza e propriedades do solo. Composição, analyse e energia productiva das diversas especies de terrenos. *Subsolo e suas propriedades.*

Adubos. Correctivos. Estimulantes. Estrumes vegetaes. Animaes. Vegeto-animaes e compostos. Theoria destes diversos agentes.

Agricultura nomada e pastoril. *Pousios.* *Afolhamentos.* Theoria e pratica dos afolhamentos.

Operações geraes de cultura. Lavouras. Sementeiras. Colheitas.

Machinas e instrumentos aratorios. Arado. Charrua. Grade. Estirpador. Rolo. Enxada de cavallo. Sementeiro. Trilho, &c.

Culturas especiaes. Cultura dos cereaes. Cultura das plantas pratenses. Cultura das plantas leguminosas de sementes farinaceas. Cultura das plantas de raizes carnosas.

O preço da obra está calculado mais no intuito de generalisar-a do que de colher interesses pecuniarios.

Cada volume que ha-de conter para cima de 300 paginas, custará aos Srs. assignantes 600 réis, que serão satisfeitos no acto da sua entrega. Avulso custará cada volume 720 réis.

Os Srs. que quizerem assignar poderão fazel-o ou mandal-o fazer em Lisboa no escriptorio da Epoca, ou em casa dos Srs. Bertrands com loja de livros ao Chiado. Os Srs. das provincias poderão inscrever-se nos prospectos, que serão enviados para as capitaes dos districtos e terras notaveis do reino.

AVISO.

Este Jornal publica-se todas as semanas.

Assigna-se e vende-se nas lojas de Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; na de Lavado n.º 8; na de Arcejas n.º 85; na de Verol n.º 182; na de Carvalho, ao Chiado n.º 2.

Preços das assignaturas.

Por um anno	2880 réis.
Por seis mezes	1840 réis.
Por tres	720 réis.
Avulso	70 réis.

Participa-se aos Srs. Agentes e Assignantes que o escriptorio da redacção deste jornal mudou-se para a rua dos Calafates, n.º 28, 1.º andar, aonde devem dirigir toda a correspondencia.